

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

17 e 23 de Janeiro de 2025

REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: ERA UMA VEZ... O WESTERN (parte I)

THE FURIES / 1950

Almas em Fúria

Um filme de Anthony Mann

Argumento Charles Schnee, a partir do romance de Niven Busch (1948) / *Diretor de fotografia* (35 mm, preto & branco): Victor Milner / *Direcção Artística*: Hans Dreier e Harry Bumstead / *Cenários*: Bertrand Gardner / *Figurinos*: Edith Head / *Montagem*: Archie Marshek / *Música*: Franz Waxman; canção *T.C Round-Up Time*, por Jay Livingston e Ray Evans / *Intérpretes*: Barbara Stanwyck (*Vance Jeffords*), Walter Huston (*T.C. Jeffords*), Wendell Corey (*Rip Darrow*), Gilbert Roland (*Juan Herrera*), Judith Anderson (*Jay Burnett*), Thomas Gomez (*El Tigre*), Beulah Bondi (*Mrs. Anaheim*), Albert Dekker (*Mr. Reynolds*), John Bromfield (*Clay Jeffords*), Wallace Ford (*Scott Hyslip*), Blanche Yurka (*a mãe de Herrera*), Movita Casteneda (*Chiquita*).

Produção: Hal Wallis, para a Paramount / *Cópia*: digital (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração*: 104 minutos / *Estreia mundial*: Tucson, 21 de Julho de 1950 (ante-estreia) / *Estreia em Portugal*: Lisboa (cinema São Luís), 26 de Agosto de 1952 / *Primeira apresentação na Cinemateca*: 28 de Junho de 1995, no âmbito do ciclo "Western".

Muitos comentadores da obra de Anthony Mann afirmam, não sem alguma razão, que os seus *westerns* "têm o tom de tragédias clássicas", devido à maneira como são mostrados os conflitos que os regem, sobretudo o tema da vingança e o conflito entre pais e filhos, ao qual Mann costuma dar tamanha intensidade que este adquire um tom mais simbólico do que pessoal. E é facto que ao morrer em 1967, quando o *western* era um género morto, embora ainda não enterrado (o *western* europeu, então no auge, é, por natureza paródico), Mann preparava uma adaptação do *Rei Lear* no contexto de um *western*, transformando as filhas do rei em filhos. E também é possível que no caso de **The Furies** ele tenha realmente tido a intenção de realizar algo que evocasse uma tragédia clássica, pois o filme é literalmente varrido pelos temas da ambição e da vingança e pelas profundas relações de amor-ódio da protagonista com os dois homens entre os quais se divide. O próprio título do filme, que alude a entidades mitológicas gregas e foi católicamente atenuado em Portugal ("almas"), evoca o contexto de uma tragédia em grande escala: *The Furies* é o nome do *ranch* onde se desenrola a ação, mas as fúrias em questão são os personagens que habitam este *ranch*, um pai e uma filha que vivem um violentíssimo conflito de vontades e são encarnados por Walter Huston, no seu último papel, e por Barbara Stanwyck, uma das mais injustiçadas entre as grandes atrizes do período clássico de Hollywood, por mais bem sucedida que tenha sido a sua carreira. Stanwyck provou do que era capaz em filmes de diversos géneros, da comédia (**Ball of Fire**, **The Lady Eve**) ao melodrama (**There's Always Tomorrow**), passando pelo filme *negro* (**Double Indemnity**) e pelo *western* (**Forty Guns** ou o subestimado **The Violent Men**). Em **The Furies**, a maneira como Stanwyck alterna a feminidade (vestidos de baile) e a masculinidade (calças, armas de fogo), sem esquecer um estádio intermediário em que veste saia e botas, passando com a maior naturalidade de um estado ao outro e preservando sempre a profunda unidade da personagem, é uma proeza que não está ao alcance de qualquer atriz.

O reconhecimento da estatura de Anthony Mann é indissolúvelmente ligado à série de *westerns* que realizou nos anos 50, sobretudo aqueles em que James Stewart é o protagonista, que mostram um homem falível, longe dos personagens monolíticos tão caros a John Ford e que, via de regra, não se fixa, não tem ideais agrários. Mas além destas sagas de personagens solitários, Mann abordou outros territórios do género,

enriquecendo-o à medida que o explorava, como o *western* sobre as forças armadas (o irónicamente antimilitarista **The Last Frontier**, o *western* mais anti-fordiano que se possa imaginar) e o *western* "crepuscular", sobre o velho pistoleiro que volta à ação (**Man of the West**, com Gary Cooper talvez no seu último grande papel). Contrariamente a outros, Mann jamais teve a tentação de modificar o *western*, embora tenha introduzido inflexões pessoais em cada um dos seus filmes. Preferiu dar a máxima intensidade a puros objetos de género. Além de ser um dos primeiros *westerns* a apresentar uma nova imagem da mulher, autoritária e masculina, **The Furies** pertence a um subgénero, o chamado *western* psicológico, em que os conflitos perdem a sua dimensão épica em proveito da exacerbação das motivações pessoais (cinco anos mais tarde, em **Man from Laramie**, Mann atingirá um grandioso equilíbrio entre estas duas vertentes e por isto este filme talvez seja a sua obra-prima no domínio do *western*). Vance Jeffords não combate o seu pai a tiros, como seria de norma no género, mas através de operações financeiras e o *ranch* cuja posse motiva o conflito é mostrado sempre de modo breve, como um *background*, pois este *ranch* é sobretudo o pretexto para um edipiano conflito de vida ou morte, em que a filha assume o papel de um filho (Vance é um nome masculino) e combate o pai até o destruir. Um "*western* psicológico" é, por definição, um filme de interiores e as cenas de interior são mais numerosas em **The Furies** do que as de exterior. Estão ausentes diversos elementos iconográficos e temáticos típicos do *western*: duelos, índios, diligências. A pequena cidade limita-se à rua principal e ao banco, sem as habituais incursões ao *saloon*/bordel, à esquadra do xerife e, eventualmente, à casa de algum personagem. Os vastos espaços, que caracterizam o *western* e que foram um factor decisivo na admiração dos europeus pelo género (na Europa, o horizonte é sempre mais restrito), são moderadamente utilizados, em proveito dos interiores, nos quais Mann utiliza com a máxima parcimónia o plano-contraplano, como se quisesse dar aos personagens a postura de feras numa arena. Já na sequência de abertura ele alterna de modo emblemático o contraste entre o típico e o atípico, o exterior e o interior, a casa e a pradaria, a ação física e a ação psicológica: o filme começa como um típico *western*, com uma cavalgada solitária num vasto espaço e ao chegar ao seu destino o cavaleiro entra num salão, onde vemos a primeira aparição de Barbara Stanwyck, elegantemente vestida. Logo a seguir, vemo-la diante de um espelho, manipulando uma enorme tesoura, num plano que anuncia o momento brutal em que desfigura a madrasta, momento decisivo que marca a declaração de guerra entre o pai e a filha. O aspecto incestuoso da relação entre eles é assinalado, sem nunca ser exageradamente sublinhado, ao passo que na cena em que o pai enforca Herrera, consumando a ruptura, é impossível não notar a imagem absolutamente fálica de um cacto.

Por isto, como de costume nos bons filmes de Hollywood, o desenlace feliz de **The Furies** é falso, pois nada tem de feliz: consumando a vitória de Vance, o seu pai morre, oportunamente assassinado pela matriarca dos Herrera (teria sido impensável num filme de Hollywood que uma filha matasse o pai), morre nos braços da sua filha, porém sem reconciliação - e morre vencido. Foi certamente por isto que, à época, *Variety* considerou que **The Furies** era um belo filme, porém "*para adultos*", enquanto o *Monthly Film Bulletin* definiu-o como "*uma saga imoral*". Este final agridoce, que anuncia de modo convencional a futura submissão da indomável mulher ao homem, não nos pode fazer esquecer que, mais ainda do que o desejo físico, o que uniu verdadeiramente esta mulher e este homem foi a vingança contra um terceiro e o dinheiro, que vemos sob a forma mais concreta possível: um maço de notas. Vance e Rip são amantes esporádicos, mas são sobretudo "*parceiros*", como diz ela muito lucidamente. É fácil prever que depois do clássico *The End*, furiosas paixões continuarão a varrer o *ranch* das fúrias.

Antonio Rodrigues